ANO 1.º LISBOA--SABADO, 12 DE NOVEMBRO DE 1921 N.º 188

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O SR. ministro das finanças continua no proposito de mandar proceder com energia contra todos os traficantes de cambiais. S. ex.ª está reunindo elementos ácerca de uma casa bancaria do Porto, contra a qual ha razões para supôr que tem feito negocios clandestinos, para rapidamente colocar os delinquentes sob a jurisdição da policia de investigação criminal.

* * *

NO edificio da *Lucta* reuniram hoje as comissões consultiva e parlamentar do partido liberal. A reunião começou ás 15 horas, não tendo sido permitida a entrada aos representantes dos jornais.

Sabemos que desta reunião resultará uma maior unidade partidaria e o proposito de disputar as eleições. Aprovaram-se varias propostas.

Todos os parlamentares se apresentaram trajados de preto.

* * *

OS teatros estão todos muito pouco concorridos. Não se sabe porquê.

O certo é que há qualquer coisa que afasta o publico das diversões histrionicas.

Medo? Inquietação? Não se sabe. Só os *cavalinhos* se enchem todas as noites.

Esta predilecção é que denota uma regressão no espirito publico, de predilecções infantis. O povo quere cavalos, *clowns*, cambalhotas. Efeitos dum gosto viciosamente acostumado aos politicos sucessivos e ministerios sucessores.

* * *

O CONGRESSO do Partido Republicano Português só se efectuará depois das eleições gerais. Não foi ainda fixado o local onde deve realisar-se, mas crêmos que reunirá no Porto ou na Figueira da Foz, dada a impossibilidade de obter em Coimbra alojamentos para todos os congressistas.

* * *

AFIRMAM-NOS que o sr. dr. Falcão Ribeiro, governador civil de Lisboa, mantem o seu pedido de demissão. Iudigita-se para o substituir o sr. visconde de Pedralva.

* * *

O SR. Julio Ribeiro, novo governador civil de Coimbra, só partirá para esta cidade quando o decreto da nomeação fôr publicado no *Diario do Governo*.

* * *

É ESPERADO ámanhã em Lisboa o sr. Pinto de Magalhães indigitado ministro da Guerra, que ainda não respondeu definitivamente ao convite que lhe foi feito para sobraçar aquela pasta.

* * *

ESTAMOS na estação dos crisantemos e das lindas mulheres de olhos plenos de bruma e misterio. Aqueles e estas ainda nos fazems esquecer da epoca em que vivemos.

* * *

O SR. Marinha de Campos que brevemente parte para o Brasil tenciona publicar ali um livro de versos intitulado «Cartas do Exilio».

Um futuro melhor

Entre varias cartas que recebemos de amigos e desconhecidos, umas elogiando-nos e outras apontando os nossos erros, fixamos uma, assinada por um *leitor inconstante*, na qual o *Diario de Lisboa* é acusado de pessimista.

—«Ainda que o sr. diga que devemos ter confiança nos destinos da Patria, as suas palavras traduzem, de vez em quando, sentimentos de desanimo que me deixam bastante inquieto».

Importa-nos muito que ninguem atribua ao que escrevemos um sentido diferente do que lhe comunicamos. Nunca tivemos outra riquesa — que maneira tão orgulhosa de ser pobre!—senão o nosso pensamento, não consentindo, portanto, que, mesmo de boa fé, alguem o inverta ou perverta.

Actualmente, excepto algum tolo, nenhum português póde mostrar-se optimista, de maneira a deliciar-se com esperanças e miragens roseas que os factos não justificam.

Quem não tem amarguras e apreensões terriveis?

Em Portugal, vivem-se horas que impossivelmente se amoldam ao goso tranquilo dum patrimonio de certesas. Tudo são duvidas e ameaças. O nosso passado, ao qual nos deviamos prender como a um dogma inabalavel, oculta-se sob nuvens espessas. Do presente não falamos, para não magoar nem irritar os animos susceptiveis.

Olharemos para o futuro?

Aconselhamos que se use de muitas cautelas, na nossa marcha para a frente. Os passos precipitados pagam-se caro. Nós não nos podemos eximir a acompanhar os outros povos sobretudo aqueles que definem as orientações da civilização. Não queremos ser retrogrados. Prudentemente, iremos andando, sem confundirmos a nossa bela alma luziada.

O nosso pessimismo não significa a lamentação dum captivo que descrê da liberdade.

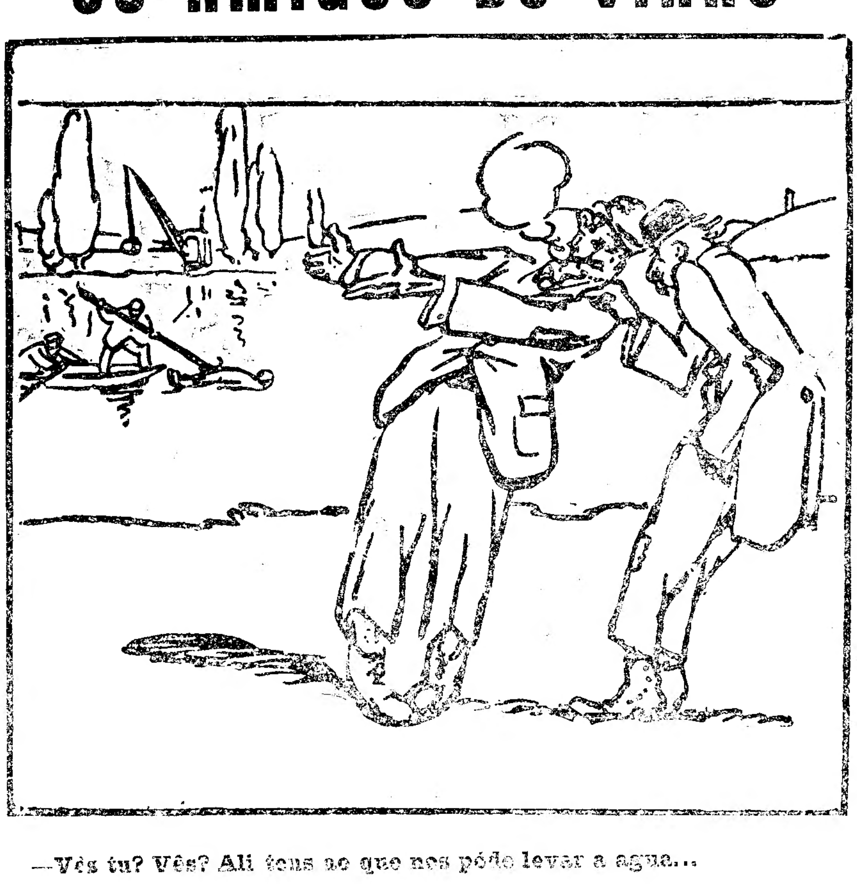
Sofremos, mas crêmos e, o que é mais, lutamos por dias melhores. A crise, que agora nos punge e aflige, ha de ser vencida com o concurso de todos os portugueses, dignos de tão honroso nome.

Não excluimos homens nem idéas. As boas vontades harmonizam-se sempre.

Ha entre nós creaturas que maus apostolos desencaminharam. Embora não acamarademos com elas, não lhes votamos qualquer odio. Que um bom vento lhes varra do espirito as trevas que os obcecam.

Pela nossa parte, nunca esqueceremos que são abençoados todos os esforços, em beneficio de Portugal.

OS AMIGOS DO VINHO



—Vês tu? Vês? Ali tens ao que nos póde levar a agua...

AS emissões de notas são uma especie de moda que, sem vir de Paris como os *vestidos*, veiu do Banco de França. Durante a guerra, a França emitiu, segundo as necessidades. Os inglezes guardaram o ouro e deram-nos notas do seu equivalente, mas as libras lá estavam. Agora os alemães fazem notas como antes da guerra fabricavam productos. Total, os emprestimos forçados são feitos atravez de estampagem dos Bancos emissores. As suas garantias são iguais a uma apolice de seguros: se a companhia estiver em boa situação, paga; mas neste caso a apolice tem a assinatura de todos os habitantes do país emissor, porque assim está na logica.

Entre nós o figurino só tem de diferente a variação de côres das notas, entre as quais avultam as figuras dos nossos antepassados que se vão desvalorisar aos olhos dos estrangeiros.

* * *

NO meio de tantas desgraças e desvarios cometidos pelos governantes, a estrela da providencia não deixa de velar por nós e assim o dizemos, porque se afirma que não é *blague* o caso do perdão pela Inglaterra da divida aos aliados.

Da sua oportunidade apreciarão os governantes do mesmo país; mas não devemos andar longe da verdade, se dissermos que, na conferencia do desarmamento, haverá surpreza financeira, ou não fossem as armas compradas com dinheiro.

* * *

NÃO teem sido devidamente notados os trechos de musica que o compositor Ruy Coelho escreveu para *Os lobos*, e que constituem uma das melhores obras daquele compositor.

Num país onde a Arte fôsse mais discutida e entendida, a *suite de orquestra* de Ruy Coelho seria um acontecimento musical.

* * *

HÁ seis anos que morreu Sampaio Bruno. Partiu para o outro mundo, quasi envergonhado de ser um pensador. Se vivesse hoje, talvez a sua vergonha fosse ainda maior, mas por ter acreditado na bondade dos homens.

***

INFORMAM-NOS que, entre os *outubristas*, sobretudo os que não alimentam odios, existe o proposito de contrariar atitudes violentas que possam ser interpretadas como significando intransigencia e inconciliação.

***

ANDRÉ Gide, na *Nouvelle Revue Française*, defende a necessidade de os escritores franceses estabelecerem relações de convivio com os alemães. Começam a renascer as paisagens do Reno...

* * *

UM nosso leitor diz-nos que é necessario restabelecer a pena de morte, para se inaugurar uma epoca de paz social. Parece-nos que, antes da pena de morte, tem de se firmar bem, em Portugal, o direito á vida.

* * *

NÃO obstante os muitos convites que lhe teem sido dirigidos para regressar á Africa, Cunha Leal quer permanecer em Portugal. A sua hora historica ha de chegar breve. . . .

CRONICA FINANCEIRA

O comercio e a instabilidade do cambio

Os seus beneficios, os seus contras, as suas causas e os seus efeitos

O Estado não necessita de ouro nestes meses mais proximos

A ACÇÃO DO MINISTRO DAS FINANÇAS

Dois factos se deram esta semana, que hoje finda, que confirmam o nosso modo de vêr sobre os respectivos assuntos: as disposições tomadas pelo sr. ministro das Finanças para reprimir o mercado clandestino de cambios; a extinção do regimen de fixação de cambio.

Não podia o sr. ministro das Finanças atender mais depressa as necessidades e o interesse do país e a urgencia de pôr um dique ao mercado clandestino. A nossa cronica analizando esse assunto foi publicada sabado, 5, e no dia 7 as disposições de defesa estavam tomadas. Essas determinações oficiais vão até ao severo extremo da apreensão das cambiais, encontradas aos especuladores do mercado clandestino.

Prova-se assim que o novo titular da pasta das Finanças não se limita a convidar os outros ao trabalho mas se dispõe tambem a trabalhar. E demonstrado fica tambem que as considerações e apreciações expendidas nesta cronica não são inspiradas por preconceitos politicos, pois que o sr. ministro das Finanças em 48 horas dava-nos totalmente razão, tomando deliberações dacordo com o nosso criterio.

* * *

Na passada terça feira, 8, numa cronica suplementar, destinada ao numero de 16 paginas do *Diario de Lisboa* de segunda feira 7 que a falta de espaço e o tamanho das nossas actrizes comparado com o nosso pequenino tablado não deixou publicar, nessa cronica suplementar, continuámos a analisar a ineficacia de qualquer acção financeira que não inclue no seu programa a exigencia apaixonada da compressão.

S. Ex.ª o sr. Peres Trancoso deu já mostras de que partilha essa opinião, pois desde as resoluções tomadas no proprio ministerio, e outras que similarmente se anunciam para as outras repartições do Estado, são o bastante para se compreender a orientação do gabinete.

Por emquanto é um sintoma, as economias não podem ser apreciaveis, mas esse criterio de economia torna-se hoje credor da gratidão do país, e como a economia tal qual como a prodigalidade é contagiosa, nós passamos das pequenas reduções de despesas, já afirmadas, á prosecução de outras de maior vulto.

O essencial em poupar, como em dispender, é começar.

E', por conseguinte, um excelente sintoma a registar.

Longamente, e em duas ou três cronicas analizamos aqui os beneficios e a ineficacia da fixação cambial, acrescentando mesmo a afirmação da insustentabilidade desse regime.

Na conferencia a que s. ex.ª o sr. ministro das finanças convidou a industria bancaria, resolveu-se acabar com a fixação do cambio.

Estamos, pois, hoje mais á vontade para nos referirmos a esses assuntos, assim como entendemos de nosso dever tentar deduzir as razões que levaram as entidades financeiras a abandonar a fixação. Desde a primeira hora que aqui dissemos confiar pouco nos resultados de tal ideia.

Louvámol-a, então, e hoje, extinta ela, mais uma vez confessamos que bem merecem os banqueiros de a ter adotado. Em primeiro logar, um grande, um inestimavel beneficio, um bem moral trouxe esse regime de fixação cambial: provar-se que não eram os banqueiros os especuladores, que não era a industria bancaria quem agravava os cambios.

E' a segunda tentativa reguladora.

A primeira, o consorcio bancario, não deu, nem podia dar o resultado a que visava, pela sua organisação defeituosa.

A segunda é esta em que os banqueiros por *sponte sua*, num acôrdo unanime decidem adotar uma taxa cambial, mantêm-a, não compram nem vendem abaixo nem acima de 6, e o cambio não só não obedece a essa fixação, como flutua e atinge uma disparidade nunca vista.

Desde que os banqueiros se manteem e manteem um cambio de 6, e os portadores de cambiais encontravam quem lhes comprasse o seu cheque a 5, a 4 7[8 e dizem que até a 4, era porque alguem comprava a esses preços e era porque *outros* intermediarios, constituindo *outro* mercado que não os regulares nem o conhecido existiam.

Esses *outros* intermediarios são os mercadores clandestinos; esse *outro* mercado é o mercado clandestino.

Daí, por deante, e daqui por futuro, só poderá continuar a crêr na acção malefica e especuladora do banqueiro quem tiver interesse em o fazer.

A experiencia foi bem notoria e expressiva.

* * *

Mas desde que o *mercado clandestino*, açambarcando a cambial, agravava ainda mais o cambio, visto como o banqueiro não podia sequer regular esse gravame por falta da mercadoria propria desse mercado—a cambial, a fixação do cambio estava condenada.

Duas correntes se podiam prever na industria bancaria, ao discutir-se o alvitre de acabar com o regimen fixador dos cambios.

Uma corrente que aprovasse a extinção.

Outra corrente havia de querer continuar com a taxa artificial.

Quem não tivesse compromissos no exterior, e fosse a atender simplesmente aos beneficios morais—que até á tranquilidade e apaziguamento do meio social se podiam estender—de uma fixação de cambios; e fosse tambem a atender aos possiveis e muito legitimos interesses que a sua extensa rede lhe traria, expressos em coupons a 6, que ámanhã seriam, quando abandonada a taxa oficial, vendidos ao cambio real,—esses, é claro, haviam de formar uma corrente favoravel á continuação da fixidez da taxa.

Os que vissem, por mais intimamente ligados á praça ou por visão mais feliz, o problema no seu conjunto, tinham infalivelmente de ser pela revogação da fixação dos cambios.

Olhando ao seu bem moral, a fixação dos cambios com o regimen mais comodo: o cambio continuaria a garrar, levado na torva correnteza do especulador clandestino, e os banqueiros pudessem provar que se tinham mantido ao largo, honrando o compromisso do cambio a 6, provariam a sua isenção e a injustiça das acusações que por ai se fazem, levianamente.

Eram os interesses da industria bancaria afectados?

Eram e não pouco.

Ninguem tinha nada com isso: cada um é senhor de arrostar com os prejuizos que a sua devoção ou o seu patriotismo lhe inspirar.

Mas é que os banqueiros não eram os unicos a ser prejudicados.

Outra classe vinha a ser altamente prejudicada e com ela o credito do paiz.

* * *

Era o comercio.

Por este maquinismo muito simples: desde que as cambiais fugiam do balcão bancario, onde sabiam só encontrar compra a 6, para a tenda do mercador clandestino, é claro que o banqueiro não podia encarregar-se da cobrança de letras de praças estrangeiras sobre a nossa praça.

Vinham as letras sobre uma casa comercial portuguesa. Tratava-se de francos ou de libras. O banqueiro que cambio havia de fazer ao comerciante português, ao pagador? Evidentemente, que o honrado escrupulo de quem estivesse adeante dum compromisso de fixação de cambio, não poderia impôr cambio superior a 6, para essa liquidação.

Até ahi tudo muito bem, muito bonito e muito simples.

E depois a que cambio ia o banqueiro fazer a conversão por ouro, para entregar o dinheiro, de que fôra simples cobrador, ao banco estrangeiro, ao dono do dinheiro?

A 6 não, que o não encontrava, mas sim ao cambio real, ao cambio do mercado clandestino: a 53[41 a 5, a 4 7[8 e a 4:

Na melhor das hipoteses cobrava a 6 e pagava a 53[4, isto é, cobrava-se de 40$000 réis por libra cheque, e ia pagar a 45 7[4.

E' isto possivel?

Numa ou noutra num dia de trabalho, uma casa bancaria ou um banco podem arrostar com um ou com uma serie de prejuizos.

Viver, atravessar uma serie de dias num regime de prejuizos deste vulto, seria absurdo pensar que a nossa industria bancaria ou a industria bancaria de qualquer praça estrangeira, poderiam ter elasticidade para semelhante sacrificio.

O que fazer?

A continuar a fixação de cambio, os banqueiros, desde que não apareciam no mercado cambiais a essa taxa, só tinham uma coisa a fazer, devolver as letras.

As praças estrangeiras receberiam uma má impressão do nosso comercio, o credito retrair-se-ia, o pais sofrer-lhe-ia as naturais consequencias, na sensibilissima interdependencia do credito, e o nosso comercio ainda teria o direito de se queixar de que não pagaria porque as letras lhe não tinham sido apresentadas a pagamento.

Em nome, pois, dos interesses do comercio tornava-se forçoso acabar com a fixação de cambio.

E o que sucederia de um dia para o outro se extinguisse, se abandonasse a fixação?

Uma logica oscilação, um alarmante agravamento cambial, como nunca se vira, era de temer, era certo.

E esse era o argumento mais forte que podia encontrar a corrente que no meio bancario se colocasse a favor da manutenção do cambio fixo.

Mas essa corrente já devia estar um pouco abalada na sua opinião a favor da continuação da fixação, porque havia de ver que ao primeiro *bem moral* da prova feita de que a especulação e gravame cambial não era obra da industria bancaria, viria a seguir-se a acusação lançada, lançada pelo comercio, de que a fixação do cambio colocava o comercio perante o fornecedor externo numa situação de aparente insolencia e de descredito gravissimos.

Só isto era o bastante para levar os mais renitentes a concordarem com a extinção duma fixação de cambios.

Como proceder, então?

Prosseguir na fixação cambial, com um perigo.

Extinguir as fixações do cambio, outro perigo, o perigo de deixar cair o cambio a um desnivel de catastrofe.

Que criterio adoptar?

Evidentemente um criterio intermedio

* * *

Foi esse criterio intermedio o que vingou na conferencia dos banqueiros com s. ex.ª o ministro das Finanças, sr. Peres Trancoso.

Sacrificando-se ainda, continuando a dar mostras da consciencia do grave momento que passam, os banqueiros acordaram em abandonar a fixação do cambio a 6, mas numa descompressão gradual, salvando assim a nossa divisa duma brusca e alarmante oscilação.

E' de louvar essa resolução da nossa industria bancaria, resolução que lhe custará sacrificios, mas que dará resultados se o sr. ministro das Finanças mantiver uma vigilancia rigorosa sobre o cumprimento dela, e defender o meio bancario dos maleficios do mercado clandestino.

* * *

Uma circunstancia vem em nosso auxilio, circunstancia providencial: o governo não precisa de vir tão cedo ao mercado cambial.

S. ex.ª o sr. ministro das Finanças anunciou-o.

Não disse donde lhe veio esse oiro; a nós não nos compete dize-lo tambem.

Apenas para ir ao encontro da malevolente incredulidade dos pessimistas de oficio, dirêmos que efectivamente o governo tem coberturas para dois ou três meses, o que já alivia muito o nosso mercado de cambiais, visto como o Estado é o principal cliente da nossa pequena praça.

Se acrescentarmos a isto o proposito em que o governo está de não aumentar a circulação fiduciaria, teremos já dois fortes elementos a militar em favor, senão de uma melhoria cambial, pelo menos de um não agravamento.

E, aliada a acção do sr. ministro das Finanças á acção dos banqueiros, há mesmo o direito de alimentar algumas esperanças de que uma qualquer melhoria cambial se possa conseguir.

Ponto está que novas perturbações não venham impedir de trabalhar os homens de boa vontade.

Fonsecas, Santos & Vianna
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

Traição

O tempo tudo apaga. A alma mais perfeita
olvida o amor mais puro, o amor mais elevado!
Quem se deixou de amar esqueceu-se do passado,
sem se lembrar, sequer, da vida assim desfeita...

Amar com tanto ardor, julgar ser a eleita
dum nobre coração, ser o tesouro amado,
para, volvido tempo, o peito amargurado
sofrer a prova audaz duma cruel suspeita!

Meu anjo! Meu amor! Para que me enganaste?
e o meditavas já, porque me não mataste,
em vez de me deixar viver desiludida?

Sentir essa traição, amor, torna-me louca!
E ao ver-te junto a mim, beijando a minha boca,
eu sinto a sedução de te roubar a vida..

Beatriz Delgado.

DOIDO

Eu moro num Palacio Encantado,
—O «Encantado *Paaço* da Loucura».—
E, desde o berço em flôr, eu fui fadado
P'ra vida errante e vaga da Aventura!

Eu guardo na minha Alma um Sonho rubro,
Um Sonho de Delirio e de Nevrose:
—Doença de Mors-Amor... Tarde de Outubro.
O Sol a rir, a rir... Pierrot em «pose»! —

No meu Palacio, alucinadamente,
'Strangulei a Princesa Loira-e-Fria!
—Labios de rosa, corpo d'oiro ardente!—

Lá fora «Chante-clair» acorda o Dia.
E ela morre, num desdem maguado,
Emquanto eu riu—Doido alucinado...!—

A. do Sacramento Monteiro.

MEDITAÇÃO

O misterio que em tudo nos rodeia
E faz da noite um pezadelo enorme,
O grande enigma universal da ideia
Que ha seculos sem fim, oculto, dorme

Na Natureza a intima cadeia
Aonde tudo é nebuloso e informe,
E onde nossa alma, a condemnada, anseia
Por ver o que, na sua essencia, a forme,

Faz-nos seguir as sombras invisiveis,
A' espera que, nos astros impassiveis
Alguem as portas do infinito abrisse.

Mas só a esfinge do silencio erra...
E a maior fôra a solidão na terra
Se alguem esse misterio descobrisse.

Afonso de Castro.

EPISTOLARIO

Uma carta que o

Visconde de Laborim

escreveu a João Lourenço Justiniano de Carvalho

A carta que envio para o epistolario do *Diario de Lisboa* foi colhida nos papeis de meu tio João Marques de Carvalho e escrita pelo visconde de Laborim a meu visavô João Lourenço Justiniano de Carvalho, conhecido tambem por João Marques de Carvalho, por ser filho do dr. Antonio Marques de Carvalho, e ainda por alferes João Marques, pois tinha tido esse posto como voluntario da Rainha, nas lutas liberais.

Da grande parte que tomou nessas lutas lhe veiu a dedicada camaradagem com o visconde de Laborim, companheiro de combates e mais tarde de caçadas e montarias.

O visconde de Laborim era um apaixonado de caça e como tal apreciador de bons cães, que queria tratados e ensinados a rigor, como se vê pela carta que apresentamos.

José Joaquim Gerardo de Sampaio (visconde de Laborim) nasceu no Porto a 24 de Setembro de 1784. Era filho do desembargador de agravos da Casa da Suplicação Bento Antonio de Sampaio e seguiu, como seu pai, a carreira da magistratura.

Na revolução de 1808 foi um dos primeiros a assentar praça, em infantaria 6, distinguindo-se em varias ocasiões e oferecendo para as despezas da guerra importantes quantias e seis cavalos.

Foi despachado juiz de fora de Castro Marim e Vila Real de Santo Antonio em 1810; juiz de fora do civel do Porto em 1815; corregedor do crime, do bairro da Ribeira Nova de Lisboa, em 1821 e desembargador da cidade do Porto em 1824, desempenhando estes cargos com tanta correcção e competencia que se tornou estimado e bemquisto de todos. Foi eleito deputado em 1826.

Em 1828 recusou-se a assinar a representação dirigida a D. Miguel para que se declarasse rei absoluto, e confessou abertamente os seus sentimentos liberais. Depois da revolução de maio emigrou para Inglaterra e foi condenado á morte. Voltou a Portugal depois do desembarque do Mindelo e alistou-se no exercito de D. Pedro.

Foi elevado ao pariato em 1834 e recebeu o titulo de visconde de Laborim em 1835. Não aderindo á revolução de 1836 pediu a demissão de juiz do Supremo Tribunal. Foi eleito senador pelos circulos de Braga e Santarem em 1838 e presidente do Supremo Tribunal de Justiça em 1844, em substituição de Silva Carvalho. Finalmente foi nomeado conselheiro de Estado em 1857, feito conde em 1862, morrendo a 4 de Janeiro de 1864 depois duma longa, brilhante e acidentada existencia.

Maria de Carvalho

AMIGO:

Saude. Estou admirado de não ter tido carta sua em resposta a uma, que lhe escrevi, dizendo-lhe o que o Antonio Maia me havia escrito sobre o emprestimo da sua espingarda de 2 cannos, e assim rogo-lhe me diga quanto antes se lha emprestou, como aqui me disse, ou se isto foi equivocação; porque eu não quero que elle allegue isso como desculpa de não ensinar os caens; eu já lhe disse que respondia por todo e qualquer damno.

Rogo-lhe outra graça — de o mandar chamar e de lhe determinar que quero e mando—que elle todos os oito dias me escreva, dando-me parte do estado da saude dos caens e do seu adiantamento e que quanto antes quero saber se elles já amarrão; eu nisto de caens sou absoluto e em tudo o mais constitucional, e Am.º fiel dos meus Am.os

(a) VISCONDE DE LABORIM

Lx.ª 16 de 8br.º (1843?)
P. E.—Recados á Familia e aos Am.os.

Endeixas

Dei um passo, escorreguei,
Antes tivesse caído;
Vale mais um desengano
Do que viver iludido.

O teu corpete encarnado
Tem a côr republicana,
Dás vivas á liberdade
E fazes prisões — tirana!

Os afagos são mandados
A que a mulher obedece,
Tão prontamente os recebe
Como depressa os esquece.

Dinheiro, amor e cuidado
São três cousas muito más;
Amor, dinheiro não tenho,
Cuidado—só tu m'o dás.

Metade da minha vida
A passei sem sofrer nada,
Outra metade me resta
Para chorar a passada.

A lutar com a desgraça
Aprendi a ser guerreiro,
Tinha vencido—encontrei-te
E fiquei prisioneiro.

Na reverência dum beijo
A minh'alma se prostrou;
Bemditos lábios que o deram
Sôbre a boca que o guardou!

Também a noite se abre
Também o dia escurece,
Amor que temos por firme
Também cansa, morre, esquece.

As estrelas andam altas
E jámais perdem o brilho;
Também os homens se elevam,
Se pizam honrado trilho.

Não quero bem a teu solhos
Que os meus incendiaram;
Eu quiz livrá-los do fogo
E no pranto se afogaram,

Quando toda a gente diz:
«Aquele cão está danado»,
Ninguêm procura saber
Quem é que está enganado.

Um sino também tem alma,
Também sente, também chora,
Tem coração como a gente
A bater a toda a hora.

Júlio Guimarães

TEATRO DE S. CARLOS
Telef. C. 5063
Companhia dramatica
REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO
HOJE — ás 21,30 — HOJE
OS LOBOS
Peça rustica em 3 actos, original de Correia d'Oliveira e Francisco Lage — Extraordinario sucesso — Soberbas creações de Amelia Rey Colaço e de Robles Monteiro. Magnifico desempenho de toda a companhia.
Ensenação de ANTONIO PINHEIRO
Brevemente a peça
O REGRESSO
Reaparição da grande actriz Angela Pinto

Coliseu dos Recreios — TODAS AS NOITES
Magnificos trabalhos
da Grande Companhia de Circo

AVENIDA
Viagem
— á —
China

Julio Rei, Lt.ª
Ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Joalharia, Ourivesaria e Relojoaria
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"

3 meses	9$00
6 »	18$00
12 »	36$00

Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio

Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48

LABORATORIO DE FARMACIA
— DO —
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA
RHEUMA
(XAROPE PEITORAL)
DE RESULTADOS INFALIVEIS NO TRATAMENTO DE:
AFECÇÕES DOS ORGÃOS RESPIRATORIOS. CONSTIPAÇÕES, BRONQUITES, TOSSES, GRIPES, ETC.
FARMACIAS: R. NOVA DO ALMADA, 88—LISBOA
R. DOS CLERIGOS, 36—PORTO

TEATRO CHIADO TERRASSE
Companhia Luz Veloso
HOJE
A celebre peça em 3 actos, de Nicodemi
Migalha
Brilhante ensceação
Scenarios novos
Magnifico desempenho

COLISEU DOS RECREIOS
A'manhã — Grandiosa Matinée ás 14 horas
Grandes novidades Bilhetes á venda

Apolo
A's 21,15
SABADO, 12
GATO
Não faltem!
POR
LEBRE
Não faltem!

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Sem roque mas com rei

Pedem os monárquicos, a alta voz, para salvação do país — um rei. Receiam outros, espíritos timoratos, a intervenção estrangeira.

Para aquietar, certamente, estes dois inquietadores estados de espírito é que o sr. ministro dos estrangeiros, duma cajadada matou dois coelhos — sem que qualquer deles seja o sr. Manuel Maria.

Arranjou um rei—por intervenção estrangeira.

Mas como um rei, mesmo austriaco, é prerigoso no nosso já por si reinadio país, o sr. ministro dos estrangeiros cercou-o de água por todos os lados.

A ilha da Madeira, que os paises aliados elegeram para destêrro suave do irrequieto monarca, recomenda-se por duas qualidades: o clima, excelente para os poitrinaires *e o vinho, excelente para todos os paladares.*

A unanimidade de vistas dos aliados sôbre a escolha do local para desterro, indica uma, de duas cousas: ou que o ex-rei Carlos sofre do peito, ou que é um bom apreciador de vinhos.

Contarão os aliados que aquele clima tranquilise os nervos do ex-rei, ou esperarão do precioso Madeira *uma acalmia nos seus intuitos revolucionários?*

Quererão assim indicar-lhe que com bom ar e bom vinho todo o homem é feliz?

Como a iniciativa partiu dos ingleses, que como se sabe, são finissimos fanáticos, apreciadores do nosso Madeira, *é de supor que eles lhe quizessem insinuar delicadamente por êste meio uma filosofia entre epicuristas e estoica, isto é,—que não há trono que valha um bom cálice de vinho.*

Um bom republicano do nosso conhecimento opta, porêm, pelo intuito de intervenção estrangeira na nossa política, mandando-nos um rei já usado, em segunda mão mas ainda em muito bom uso.

Um excelente monárquico, por sua vez, esfregou as mãos de contente assegurando que isto ia, *— que começava pelas ilhas. Teriamos assim, segundo êste opinante, uma república com reis adjacentes.*

Afinal nem um nem outro tem razão. Os aliados entenderam, e bem, que num país de revoltosos, mais revolucionário menos revolucionário, não causaria mal nenhum. O rei Carlos em Portugal é the right man in the right place. *Escolheram, como para Napoleão, uma ilha, afim de lançarem um pouco de água na sua fervura.*

E havia, talvez, uma plataforma para contentar as duas partes: povoar a ilha da Madeira *dos nossos políticos mais insofridos, violentos e proclamar Carlos de Habsburgo rei. . . dos revolucionários.*

A. de B.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

A SITUAÇÃO POLITICA

NÃO ABANDONA O GOVERNO

o actual ministro das Colonias

e considera um perigo a exoneração dos Altos Comissarios

A janela do gabinete do sr. ministro das colonias, está aberta de par em par, deixando entrar á vontade, este descolorido sol de inverno. Vê-se o Arsenal, pouco activo, com a ponte grande guarnecida de rebocadores, gasolinas, barcos de pequena tonelagem e fechada, no topo, pela massa acinzentada do *Almirante Reis*, que oferece em espectaculo triste a sua ruina. O sr. Tomás Fernandes, um homem de estatura regular, grande bigode de um louro de mel, que a metropole pouco conhece por durante muito tempo se ter perdido pelos dominios ultramarinos, recebe o jornalista com afabilidade—uma afabilidade em que transparece o pequeno embaraço de uma criatura que não está afeita a conceder entrevistas... Mas o *reporter* provoca a conversa, recorda as deliberações que uns revolucionarios civis tomaram acerca do actual titular da pasta das colonias e então as palavras surgem, em tropel, formando declarações categoricas que não permitem duvidas quanto ao estado de espirito do ministro:

—Eu não estou aqui agarrado... Se houvesse qualquer vantagem na minha saida, sairia imediatamente. Não estou agarrado... Não tenho desejo algum em continuar a ser ministro. O que tambem não estou, é disposto a aceitar imposições de elementos estranhos. Quem são?... O que querem?... Eu procurei o sr. presidente do ministerio. Puz a pasta á sua disposição. Que fizesse o que entendesse. Não quero criar dificuldades ao governo. Eu, aqui, não cuido de politica, não quero saber de politica... Mas o sr. coronel Maia Pinto negou-me que tivesse sido procurado por quaisquer individuos. Ratificou-me a sua confiança. E' quanto me basta. Não estou agarrado a isto...

—Ninguem diz isso... Ha apenas...

—Bem sei. Mas não vão julgar... Eu, aqui, apenas procuro resolver as questões a contento de toda a gente. Ouço todos, todos têm a minha consideração. Agora mesmo, a Companhia Nacional de Navegação, protestou contra a existencia de carreiras estrangeiras para as colonias. Pois tenho escutado as razões de comerciantes, carregadores, etc. Não é preciso descontentar ninguem...

* * *

Entra um funcionario. Traz uma pasta cheia de expediente, a que o ministro dá despacho com rapidez. Fala, mesmo, num telegrama aos altos comissarios e é num tom de grande insistencia que determina:

—Quando telegrafem aos altos comissarios, tenham muito cuidado na redacção dos telegramas... A's vezes, uma palavra... Muito cuidado nos termos que empreguem...

O reparo do sr. Tomás Fernandes, sugere-nos uma interrogação. Na reunião dos revolucionarios civis tambem se falára no general sr. Norton de Matos, na Agencia de Angola em Lisboa. Interrogámos, pois:

—E o que ha ácerca do alto comissario de Angola? As reuniões... Os revolucionarios...

—Ninguem me veiu falar em resoluções de elementos revolucionarios, sobre o general sr. Norton de Matos. A minha opinião pessoal, é de que constituiria um erro gravissimo a sua exoneração. Eu estava em Paris, quando da criação dos altos comissariados... Sei como aquilo foi... As informações que possuo, habilitam-me a afirmar-lhe que as forças produtoras da colonia, desejam que o sr. Norton de Matos continue á frente dela. A sua saída, representaria a interrupção da obra que o país espera do regime dos altos comissariados. E note bem: isto, que se aplica á provincia de Angola, aplica-se tambem á de Moçambique. Considero da mesma forma um grande prejuizo, a saída do sr. dr. Brito Camacho. E' preciso que continuem; um pouco de continuidade será o factor primacial de uma boa obra de fomento ultramarino.

* * *

O sr. ministro faz uma nova pausa. A sua pressa é visivel e o jornalista aproveita os cinco minutos que ainda lhe restam, para formular outra interrogação:

—E que tenciona v. ex.ª fazer por esta pasta? Tem trabalhos em elaboração, certamente...

—Sim, penso efectivamente em varias cousas. Preocupa-me muito, por exemplo, o problema da circulação fiduciaria nas colonias. Como sabe, ele não sofreu qualquer aumento desde 1919. Entretanto, as necessidades do comercio cresceram extraordinariamente. Todos os dias aqui se recebem reclamações. Falta o dinheiro... Há colonias aonde se transaciona com cheques e letras a curto praso. Mas a dificuldade renova-se, quando chega a data do vencimento...

—E o aumento de circulação que se projecta, é consideravel?

—Uns 15.000 ou 20.000 contos. Já deve chegar, para mais que as provincias submetidas ao regime dos altos-comissariados, vão ter um regime financeiro proprio, dispensando, portanto, o quinhão que lhes caberia nesse aumento de circulação...

—E aqui, no ministerio, pensa nalguma reforma?

—Sim, ha que reorganizar o ministerio. Ao regime descentralisador adoptado nos nossos dois principais dominios, tem de corresponder uma organização ministerial paralela. Vou nomear uma comissão, de poucos membros, já se sabe, de contrario nada faria, que ficará com o encargo de efectivar um novo regime de trabalho, em que se procurará obter a maior eficiencia dos serviços, com o menor numero possivel de funcionarios. Já vê, isto representa a aplicação de uma parte rasoavel do programa revolucionario... De resto, para que são precisos programas sobre aquelas coisas que estão na cabeça de toda a gente?...

* * *

As duas horas da tarde, aproximam-se. Decididamente, o sr. ministro das colonias tem direito a almoçar. Mas, por ultimo, uma pregunta, uma pregunta só, a que o sr. Tomaz Fernandes, que sabe ser gentil com a imprensa, não recusará a respectiva resposta:

—O que ha ácerca de Macau?

—Continuam as negociações, o mais satisfatoriamente possivel. Hoje mesmo, recebi um telegrama daquela nossa distante colonia, em que se garante ser tranquila a situação com Cantão. Eu espero que tudo se resolva em bem. O inquerito ao incidente de 6 de setembro, já está concluido e o conflicto atinge, pois, o seu termo.

Vida consular

A lista dos candidatos aprovados no ultimo concurso para o cargo de consules

Os candidatos aprovados no concurso para os lugares de terceiros oficiais, terceiros secretarios de legação, terceiros consules e vice-consules de 1.ª classe, que se realizou em julho ultimo foram os srs. José Augusto de Magalhães, Octavio Botelho de Vasconcelos Nogueira, Carlos Adolfo Moller Amado da Cunha e Vasconcelos, Antonio José Alves Junior, José Luís Archer, José Eduardo Vaz Sarafana, Bento Serafim Coelho da Rocha, Manuel Adeodato de Carvalho e Armando Pereira.

A catastrofre ferro-viaria

Devem chegar ámanhã a Lisboa, ás 8 horas, vindos de Beja, os cadaveres das sr.as D. Ana Colares Vieira e sua criada Adelaide da Silva, vitimas do desastre do Sul e Sueste.

As conferencias de hoje

com o chefe do governo

Na secretaria da guerra houve hoje demorada conferencia entre o ministro interino e o sr. Sá Cardoso, a parte da qual assistiram os srs. Procopio de Freitas, dr. Pedro Pita e Carlos Olavo.

Tambem conferenciou com o sr. Maia Pinto o seu colega das colonias.

Os Teatros

ATRAZ DO REPOSTEIRO

Os dois livros que o ilustre actor Augusto de Melo vai publicar dentro em breve sobre assuntos de teatro têm os seguintes titulos: «O comendador da Ordem de Cristo» e «Costumes de Lisboa». Este ultimo tem o seguinte sub-titulo «Lisboa da minha mocidade».

—Parte brevemente para as ilhas e para o Brasil a companhia Carlos de Oliveira.

—A peça «Casaca Encarnada», de Vitoriano Braga, que está entregue no teatro Politeama, mas que tem sido solicitada ao conhecido dramaturgo por outras empresas teatrais, parece que não sobe á scena antes do Carnaval.

—O primeiro acto da peça «Le Maison Cernée» que brevemente sobe á scena no teatro Nacional passa-se em Alexandria, o segundo e o terceiro em «Bir-el-Seba» e quarto em Jerusalem.

A peça tambem vai ser representada pela companhia Palmira Bastos, que atualmente trabalha no teatro S. João, do Porto.

Os papeis que em Lisboa são interpretados por Ilda Stichini, Albertina de Oliveira, Eduardo Brasão, Rafael Marques e Antonio de Melo, são feitos respectivamente no Porto por Palmira Bastos, Ester Leão, Antonio Gomes, Judicibos e Samwel Diniz.

—O nosso brilhante colega «A Manhã», que nos dá a honra de transcrever diariamente todas as nossas informações com o titulo «As nossas noticias» e até os titulos na integra de telegramas e mais noticiario, diz hoje na sua secção teatral:

«E' ponto assente as empresas, durante a epoca actual, não fazerem qualquer modificação nos ordenados dos seus artistas».

—O reportorio que o actor Eduardo Raposo leva para a sua «tournée» pela provincia é dos escritores Rafael Ferreira, Pedro Bandeira, Gameiro e Carlos Ferreira.

—Já estão concluidos todos os scenarios e o guarda roupa da peça historica «Alfageme de Santarem», que esta epoca ainda se representará ns teatro Nacional.

—Continúa gravemente doente a velha actriz Ana Pereira.

—Na opereta «Virgem Rubra», em ensaios no teatro S. Luis, é a atriz Aldina de Sousa, que interpreta o papel de «anarquista».

—Os ensaios da peça de Sousa Costa «Frei Satanaz» estão mais ou menos interrompidas pelos ensaios da peça «Casa Cercada».

O galã da peça vai ser desempenhado pelo actor Eduardo Freitas.

—A companhia Emilia de Oliveira segue para a provincia na primeira dezena do mês de dezembro, apesar daquela artista ter recebido convite por intermedio do actor Abilio Alves para ir fazer parte da companhia dramatica que Carlos Santos está organizando no Rio de Janeiro.

—O jornal «A Manhã» diz hoje que um actor ultimamente muito dado a comunicar pela imprensa os seus conhecimentos sobre teatro, tenciona abrir uma escola de arte de representar.

—Foi novamente contratada pela empresa Antonio de Macedo para o Aguia de Ouro, do Porto, a «coupletista» Salambó, que vai desempenhar os mesmos papeis do «Tic-Tac», que fizera no Coliseu dos Recreios.

—A revista-fantasia «E' o levas!», em ensaios no Apolo, tem os seguintes quadros: 1.º acto—«Numa ilha do oceano indico», «No cemiterio dos brancos», «Pilhas e... peras», Apoteose; 2.º acto «S. ex.ª o dominador do mundo», «Escola de objectos de precisão», «Balanço á vitalidade da raça», Apoteose. A musica é dos maestros Luz Junior e Vasco de Macedo e a scenografia de Salvador.

—Deve estrear-se no teatro Apolo, na revista «E' o Luar», a nova actriz cantora Maria de Lourdes Cabral.

—Deve reaparecer, segundo nos informam, no teatro S. Luiz, o actor Mario Campos, há pouco chegado do Brazil.

RECLAMES

S. Carlos—Repete-se hoje a magnifica peça rustica «Os Lobos», em que Amelia Rei Colaço e Robles Monteiro teem soberbas criações.

Nacional—Nestas ultimas noites, a peça «Amor de perdição» tem atraido enorme concorrencia. Por esse facto, repete-se hoje.

Avenida—Obteve um agrado extraordinario a opereta «Uma viagem á China», ontem estreada pela magnifica companhia Satanela-Amarante.

Apolo—Toda a gente reconhece que a mais inspirada musica dos maestros Tomaz del-Negro e Alves Coelho é a da revista «Gato por lebre».

Politeama—Ainda hoje, ámanhã e depois se representa a linda peça «Sol de aldeia», que tem sido um dos grandes sucessos da presente temporada.

Eden—O «Pau de dois bicos» é das revistas que mais concorrencia teem chamado a este teatro.

Chiado Terrasse—Repete-se hoje a peça «A migalha», de Nicodemi, que ontem subiu á scena com agrado, em «reprise».

Salão Foz—O teatro mais concorrido é este, onde a companhia Otelo de Carvalho está obtendo um exito, com a revista «Bichinha gata...».

Coliseu dos Recreios—Realiza-se hoje a estreia dos celebres «clowns» musicais Irmãos Plattier e ámanhã ha dois espectaculos, em «matinée» e á noite.

ARTUR PORTELA

Partiu ha dias para a Beira-Baixa, em viagem de repouso, o nosso querido e talentoso camarada Artur Portela, que na proxima segunda-feira deve regressar a Lisboa.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

PORTUGAL E A CATALUNHA

OS DELEGADOS CATALÃES

partiram hoje para Barcelona

e comunicam ao "Diario de Lisboa" as suas impressões

Joan Estelrich

Na Sociedade Nacional de Belas Artes realizou ontem a sua conferencia, ultima da serie promovida pela Junta Municipal de Exposição de Arte de Barcelona, o sr. Joan Estelrich, que o dr. João de Barros apresentou como um fervoroso amigo de Portugal, que tantas vezes tem mostrado o seu carinho pela nossa terra, celebrando com tanta simpatia a nobreza e o lirismo da alma lusitana.

«V. ex.as não desconhecem — disse o dr. João de Barros — o seu nome vincado, leve e sugestivo como a sua figura insinuante, onde logo se adivinha, no olhar, na atitude, no sorriso quasi ingenuo de generosa cordialidade —um impeto de mocidade veemente, um coração lialissimo, um espirito capaz dos pensamentos mais elevados e das intenções mais puras e mais nobres, Essas qualidades fizeram de Joan Estelrich um apostolo das ideias que ama e defende, um apostolo moderno, de orientação definida e clara».

Alguns aplausos, mesmo muitos aplausos e Joan Estelrich começa a leitura da sua conferencia, que subordinou ao tema «Maragall e o Iberismo». Por nos parecer que deve tornar-se interessante para os leitores do *Diario de Lisboa*, transcrevemos algumas paginas da conferencia.

«E' necessario conhecermo-nos—já se disse e eu repito-o—porque assim no-lo aconselham o passado e o futuro iberico. E' necessario solidarisarmo-nos ante as perspectivas historicas mais ou menos proximas. E como nos aproximaremos, como nos compreenderemos, se somos diferentes, se andamos por caminhos diversos, se o vosso pensamento e o nosso se orientam em principios contrarios?

«Confessemos primeiramente a nossa radical diversidade. Não creio que possa sustentar-se nenhuma união iberica—pura utopia!—com o fim de converter os catalães em portugueses e os portugueses em castelhanos, de maneira que todos possamos considerar-nos iguais. Venho precisamente dizer o contrario, manifestar que somos profundamente diferentes e sustentar que só essas divergencias colectivas, esses separatismos geograficos e culturais, podem manter uma Iberia rica, harmonica e util á Humanidade.

«Claro que num campo superior tudo se liga. Claro que se profundarmos muito o nosso intimo, veremos que todos somos iguais, que todos somos homens no fundo. Eis o excepcional exemplo do nosso Joan Maragall, figura representativa e culminante do nosso movimento renascentista. Eis uma personalidade verdadeiramente tipica, supremamente humana e consagrada pelo catalanismo como alto interprete das suas mais fervorosas aspirações.

«Vou falar-vos de Joan Maragall por ser, na nossa literatura moderna, o caso mais vigoroso e quasi unico de uma mentalidade semelhante á vossa mentalidade lusitana.

«Com Joan Maragall manifestou-se tambem, entre nós, a forma sentimental e unificadora do iberismo. O nosso grande poeta acreditava, como Oliveira Martins, no «genio peninsular». Examinando essa personalidade, discutindo os seus principios, ficaremos aptos a estabelecer aquilo que nos é comum e aquilo que nos é diverso; colocar-nos-hemos, para falar sinteticamente, no caminho da concordia.

«Joan Maragall nasceu e viveu quasi sempre nessa ardente e apaixonada Barcelona, onde palpita o coração tumultuoso da Catalunha inteira. Mais que pela quantidade dos seus poemas, que podem reunir-se num volume, o valor da sua obra lirica consiste nos seus meritos intrinsecos. E, mais ainda que pelas suas poesias, a sua personalidade terá sempre um logar de honra na historia das artes catalãs, pela influencia constantemente renovada que este artista exerceu sobre a *élite*, no campo da intimidade, e sobre o publico, por meio dos seus artigos jornalisticos.

«Em boa verdade, com a pena privilegiada de Maragall se estilizaram para tomar a sua expressão definitiva as grandes horas da Catalunha nos primeiros lustros deste seculo. Digamos, para justificar definitivamente a evocação de Maragall, que, no ramo estético, a sua obra tocou todos os pontos da Arte; que em cada um nos deu um ensinamento, e, sobretudo, que pela primeira vez se concedeu entre nós, eficazmente, á poesia, o seu papel formal e creador, o seu papel de iniciação, que ilumina o caminho obscuro como a luz dum espirito atravez as trevas... Contrastando com o romanticismo fatigado em que se dissolvia a poesia castelhana, Maragall, numa explosão expontanea do seu genio, volve á poesia pura, á arte do verbo, ao culto da Beleza considerada como a revelação da essencia pela forma. Para ver de que maneira queria o nosso poeta despertar a Espanha do seu sonho de falsos heroismos e passageiras glo-

Camps Margarit
Jornalista e critico de arte

rias, é necessario ler a penetrante e magnifica ode, escrita em seguida ao desastre colonial. E como são actuais estas estrofes ante o ultimo desastre marroquino! Começa assim:

Escuta, Espanha,
a voz dum filho
que te fala em lingua
não castelhana:
Falo na lingua da terra aspera,
Nesta lingua poucos te falaram,
na outra, demasiados.»

Nicolau d'Olwer

O sr. dr. Nicolau d'Olwer, professor da Universidade de Barcelona e o mais importante humanista da moderna Catalunha, autor de varios livros e traduções dos classicos gregos, e ainda tenente-alcaide do municipio de Barcelona, interrogado por um redactor do *Diario de Lisboa* sobre o problema iberico, fez-nos as seguintes declarações:

—Iberismo? E' preciso que nos entendamos. Nem na ordem sentimental tem uma realidade, nem na ordem politica. Um sentimento ibérico não existe, nem existirá, emquanto a geografia não modificar os sentimentos. E' que os povos ibéricos — o português, o castelhano e o catalão — têm apenas de comum entre si o serem peninsulares. A peninsula ibérica do outro lado, assemelha-se mais á peninsula balkanica do que á italiana. Mas convém, em muitos pontos, que a peninsula continue inteira.

Muitos portugueses desconfiam da palavra iberismo, e, depois de ter falado com portugueses que se sentem iberistas, conclui lialmente que são aqueles — os desconfiados — que têm razão. Os iberistas são uns admiradores de Castela, das suas cidades historicas, dos seus veneraveis antepassados, da sua arte sangrenta, da sua literatura sentimental, das suas festas tragicas...

«Tudo isso está demasiadamente em contacto com Portugal, com esta adoravel praia nacional do *saudosismo*. Uma união com base sentimental traz muitas vezes um doloroso despertar, um final desagradavel de lua de mel. Temos que os iberistas portugueses façam, sem querer, o jogo dos iberistas castelhanos, para a maior parte dos quais o iberismo teria sido uma realidade no tempo dos Filipes.

«A unica aproximação com um ideal iberista—mais ou menos concreto, e sempre com base e interesses e não em lirismos—poderia e deveria realizar-se, quando não houvesse o perigo duma aproximação castelhana. Eis o interesse amplamente iberico da questão catalã».

Francesc Pujols

Francesc Pujols

O sr. Francesc Pujols, doutor, filosofo, poeta, critico de arte, uma das mentalidades mais interessantes da moderna Catalunha, escreveu para o *Diario de Lisboa* estas palavras:

—A nossa Catalunha não pode ter maior

M. Ribe
Chanceler do municipio de Barcelona

exemplo de nacionalidade do que aquele que lhe deu e está dando Portugal. A Catalunha no Mediterraneo e Portugal no Atlantico são as duas nacionalidades extremas da Iberia Romana, separadas pelo macisso das terras castelhanas, e se Portugal, no momento em que a Catalunha lutava para defender a sua liberdade secular, conseguiu emancipar-se da dominação espanhola—denominada hegemonia castelhana—não podemos encontrar, os catalães, maior precedente do que pode conseguir-se, lutando e trabalhando, para chegar á liberdade nacional que desejamos. Portugal será sempre para nós o irmão que nos precedeu no caminho da gloria maior dos povos, que é a de se governarem por si proprios.

Os nossos trabalhos actuais para a liberdade da Catalunha consistem apenas no amor á cultura, ás sciencias e ás artes, que devem enobrecer a nossa industria e o nosso comercio—base da nossa vida. Por isso nos atrevemos a apresentar-nos em Portugal, trazendo alguma coisa da nossa actividade, para mostrar os desejos que nos animam.

Marius Aguilar

Marius Aguilar, o scintilante jornalista que já apresentámos aos leitores do *Diario de Lisboa*, espanhol de nascimento assimilado á Catalunha, que se revelou no *El Poble Catalá*, escrevendo mais tarde para varios jornais de Madrid e de Barcelona; Marius Aguilar, sentimental, vivo, perspicaz, estilista moderno, disse ao *Diario de Lisboa* o que abaixo se lerá:

—Lá em Barcelona, um jornalista português, *charmant* e perspicaz, Reinaldo Ferreira, conhecendo a minha voraz curiosidade por tudo, trazia-me os jornais de Lisboa. Fui assim, na praça da Catalunha, um leitor da praça do Rossio e comparei a imprensa de Lisboa com a imprensa de Barcelona. O *Diario de Noticias* era a nossa *Vanguardia*, o *Diario de Lisboa*, *La Publicidad*, *O Seculo* era *El Dia Grafico* e *A Batalha*, *Solidariedad Obrera*. Há uma diferença: é que aqui quasi todos os jornais são republicanos e lá quasi todos vão sendo cada vez mais conservadores.

—Não vi em nenhuma imprensa do mundo — dizia eu a Reinaldo Ferreira — cultivada a anecdota, nacional ou cosmopolita, como na imprensa de Lisboa. Nas redacções dos jornais de Lisboa devem existir, pela certa, arquivos de reportagens novelescas.

Ao chegar a Lisboa, constatei que, além da anecdota sensacionalista, o seu jornalismo dispõe de uma prosa fluida e movimentada, que põe em tudo um agradavel sabor literario. Tem, além disso, o cuidado das denominações exactas. Os nossos nomes catalães, as referencias á nossa politica e á nossa literatura, foram recolhidas com uma fidelidade surpreendente. Suponho que no jornalismo português ha quem possua um conhecimento, que poderiamos chamar geometrico, das nossas coisas.

No meu regresso a Barcelona, direi a Reinaldo Ferreira que trate de organizar uma expedição de jornalistas portugueses, que voltariam a Lisboa, como nós outros, jornalistas barcelonenses, a deixamos, depois de somar as nossas impressões da cidade, levando os vossos livros, as vossas revistas, os vossos jornais—os actos do vosso espirito. Eles trariam as nossas. E para sempre, entre Portugal e a Catalunha, estabelecer-se-hia uma franco-maçonaria espiritual, que projectaria sobre as gentes a sua iniciação nos principios intelectuais dos dois povos.

E sobretudo os livros, o intercambio e a tradução dos vossos livros. Confesso-vos que a encantadora amenidade de Eça de Queiroz, pôz em mim um afan sentimental de conhecer a Lisboa de Carlos da Maia e de João da Ega. Agora, sei que Eça de Queiroz desceu em hierarquia ante os modernos, mas entre nós subsiste o encanto da evocação da Lisboa *fin de siécle*. Na minha mala levo agora, em vez de Eça de Queiroz, os livros de Leonardo Coimbra e de Aquilino Ribeiro e os versos de João de Deus e de Teixeira de Pascoais.

Josep Pla

Josep Pla, jornalista e deputado da «mancomunidad», que prepara um livro de viagem sobre Paris, Madrid e Lisboa; Josep Pla, critico de arte, um simpatico moço, que voltará depois á nossa terra para colher impressões, disse poucas palavras ao *Diario de Lisboa* sobre o problema iberico:

—Não sou partidario do iberismo, porque me repugna a admissão de abstracções. De resto, Portugal perderia a independencia, porque, se entrasse na orbita iberica, seria absorvido pelo centro. Iberismo é a justificação das tendencias que, na Peninsula, as coisas têm para o centro. Portugal ocupa precisamente o tangente e está mais proximo da America do que da Espanha.

Oliveira Martins, o primeiro grande precedente de iberismo, é um percursor do positivismo e dentro desta intuição é dogmatico, como Taine. Quere adaptar a vida á lei e descobre na Iberia o facto geografico e a este factor adapta a variedade inumeravel. Mas Taine, como o positivismo, passaram de moda, são já insuficientes...

Conselho de ministros

REUNE HOJE, PELAS 21 HORAS

O conselho de ministros foi convocado para reunir no ministerio das colonias, pelas 21 horas de hoje.

PELAS PROVINCIAS

Em Coimbra

O soldado desconhecido da Italia

COIMBRA, 11.—O comandante de infantaria 23 dirigiu o seguinte telegrama ao generalissimo Diaz, quando da consagração do soldado desconhecido italiano:

«Momento glorificação soldado desconhecido, regimento português infantaria 23, cuja bandeira ostenta Cruz Merito Guerra, imposta V. Ex.ª, sauda nobre nação italiana na pessoa ilustre generalissimo grande guerra».

Antonio Granjo

A Camara Municipal resolveu que uma comissão composta dos srs. dr. Alves dos Santos, presidente do Senado; Virgilio Paiva Santos, Costa Cabral, Cancerada Cortezão, vereadores, e Francisco da Cunha Matos, chefe da secretaria, vá a Chaves render as ultimas homenagens ao dr. Antonio Granjo, depondo sobre o ataude uma corôa de bronze.

Hospital de isolamento

No dia 28 do corrente reune-se a Junta Geral do Distrito, em sessão plenaria, para tratar da construção do hospital de isolamento, para o qual já há muito foi concedida a necessaria verba. As dificuldades de obter terreno têm protelado a realização deste melhoramento que é tão necessario.

Roubo de artigos militares

Já foram removidos para o quartel general as roupas e diversos artigos militares roubados pelo cabo João Augusto nos regimentos de infantaria 17 e 23.

Assistencia

A Comissão Distrital de Assistencia distribuiu varios subsidios pelos estabelecimentos de beneficencia.

Em virtude do enorme agravamento da carestia da vida, a mesma comissão desistiu de instituir um asilo para orfãos, que se tinha em vista estabelecer no edificio da Escola Oficina.

Em Sabrosa

Necrologia

SABROSA, 9—Vitimada por uma pleurisia, sepultou-se há dias no cemiterio desta vila, a menina Delfina Fonseca, de 18 anos, brasileira, filha do nosso conterraneo e amigo de infancia, Joaquim Alves da Fonseca, há muito residente no Pará. A inditosa menina, há sete meses que aqui se encontrava em visita a sua familia. A sua morte foi muito sentida. A' familia enlutada, e especialmente a seu pai, os nossos sinceros e sentidos pesames.

Administrador do concelho

Acaba de tomar posse do lugar de administrador deste concelho, o nosso amigo José Maria Gonçalves Ferreira, abastado proprietario, de Paços, deste concelho.

Ao acto assistiram os srs. capitães Mergulhão e Luz, e alferes Rocha, de infantaria n.º 13, de Vila Real, e alguns amigos pessoais do novel administrador, a quem desejamos uma administração feliz.

Escandalo

Ainda continúa dado em diligencia na repartição de finanças deste concelho, um fiscal dos impostos, do concelho de Murça.

Já tivemos ocasião de dizer que um chefe e dois fiscais são mais do que suficientes para o serviço deste concelho, nada justificando a estada aqui de mais um, a não ser a conveniencia dele em estar assim mais proximo da terra de sua naturalidade.

Nem sequer de nome conhecemos o referido fiscal, nem contra ele nos move a minima animadeversão, mas como o caso representa um escandaloso acto de favoritismo com prejuizo para o Estado, novamente chamamos a atenção de quem de direito, para que lhe ponha termo. Administração republicana e honesta, e nada de esbanjamentos, que o erario publico não comporta.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

ELECTRICIDADE--MAQUINAS.
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**

ASCENSORES ELECTRICOS E HIDRAULICOS
JASPAR
Construcção e funccionamento inexcediveis
Ateliers JASPAR -- Liège
Pedir esclarecimentos aos representantes
FILIPPE & FILIPPE L.TDA
RUA DO CARMO, 21
LISBOA

Mario Machado
Da Escola Dentaria de Paris
Doenças da boca e dentes
CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

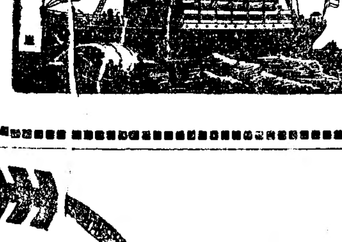
S. I. C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C.

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
FHILIPS-ARGA
E' quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Tele(fone C. 5430 / grafo DIFONSO) DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

BACALHAU PORTUGUÊS
Pedidos á
Sociedade Comercio Nacional, L.da
59--Rua Nova do Almada, 1.º
Telegramas: Almanova -- Tel. C. 3190
LISBOA

GAZOLINA "Shell" PETROLEO
QUALIDADE SUPERIOR
Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação
PEDIDOS Á
THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD
LISBOA — Rua do Crucifixo, 49
PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa



Para carga e passageiros trata-se com os agentes
Pinto & Sotto Mayor
R. do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. LISBOA

Chegwin, Moura & C.ª L.da
CASA BANCARIA
103 RUA AUREA 105
Correspondentes em todo o paiz e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa transferencia e todas as operações de banco em geral
Telegramas «TOM» Telefone C. 3033
103 RUA AUREA 105

NÃO COMPREM
Candieiros e plaffonniers, ferros de engomar electricos, estatuetas e outros artigos de electricidade, sem confrontarem os preços porque vende o Rico Nacional Aureo—Rua 1.º de Dezembro, 33 a 37—Tetef. 1047 C.

Bruxelas & Bruxelas
Tailleurs-couturiers
Chegados de Paris, mostram desde já a sua colecção de modelos: Robes de ville, Robes tailleur, Capas, Manteaux, etc.
65, R. da Emenda
Telefone C. 1266

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE MARROCOS

ABD-EL-KRAIN TEM UMA CONFERENCIA COM TODOS OS CHEFES DAS KABILAS DO RIFF ORIENTAL

Os autores dos crimes de Monte Arruit abandonam o territorio do Riff e internam-se na zona francesa

MELILLA, 12—Afirma-se que Abd-el-Krin, acompanhado de alguns chefes da tribu de Beni Sidel, se dirigiu a Tezaman com o fim de realizar uma reunião com todos os chefes das kabilas do Riff Oriental. Parece que Abd-el-Krin não transporá mais o rio Kert ante as ameaças do exercito espanhol e os tumores que se apoderaram das populações mouras daquela região por motivo do castigo iminente que as esperam. Abd-el-Krin tinha ha dias estado na povoação de Manut Arruman, que foi durante varios dias bombardeada pelos aviadores espanhois.

Confirma-se a noticia de que os rifenhos que mais se distinguiram nas crueldades de Ulad e autores da traição e dos crimes de Monte Arruit estão abandonando o territorio do Riff e internando-se na zona francesa.—(U. P.).

Tomadas das posições de Tinardia e de Iazame

MELILLA, 12.

Foi tomada a posição Tinardia perto da costa. Tambem se fez hastear a bandeira espanhola na posição de Iazame sem grande resistencia.

Mas mais importante foi a tomada da posição de Tizafor, em que os mouros ofereceram seria resistencia e deixaram no campo bastantes feridos, alguns mortos e cinco canhões, além de tendas, armas e muitas munições.—(R.).

As ultimas operações

MELILLA, 12.

Nas ultimas operações a Legião Estrangeira sofreu bastantes perdas, sendo os feridos 39 oficiais e 715 legionarios.—(R.).

Abd-el-Krin foi feito prisioneiro?

MADRID, 12.

O ministro da guerra declarou não ter nenhuma confirmação do boato propalado por um jornal da manhã dizendo que Abd-el-Krin tinha sido aprisionado.—(U. P.)

Pelos soldados espanhois

MADRID, 12.

A rainha Vitoria e o principe das Asturias vizitaram o hospital da Cruz Vermelha, entregando-lhe a rainha o produto de subscrições feitas no Mexico.—(U. P.)

O QUE DIZEM ENTENDIDOS

A SITUAÇÃO FINANCEIRA DA ALEMANHA

NO MUNDO NÃO HA OURO SUFICIENTE PARA QUE A ALEMANHA PAGUE Á FRANÇA 60 BILIÕES DE MARCOS

Toda a imprensa mundial consagra largos artigos á situação financeira da Alemanha. Variadissimas são as opiniões, tendo predominado até agora a de que a depreciação do marco é artificial, devido especialmente á emissão continua de papel-moeda pelo banco do Estado.

Mas as opiniões de economistas eminentes como a de Keynes, a do sueco Cassel, que apresentou um *Memorandum* sobre a situação financeira da Alemanha na Conferencia Financeira de Bruxelas de 1920, e que tem sido consultado sobre varios problemas pela Sociedade das Nações, e a opinião do grande economista francês Charles Gide, diferem singularmente da apresentada anteriormente e encontram-se de harmonia entre sí.

Charles Gide acaba de dar a sua opinião a um jornalista do *Excelsior*. Julgamos dever reproduzi-la, não só pela importancia que este problema está tendo na vida economica mundial, mas porque a abalisadissima opinião de Charles Gide, de acôrdo com a de tão grandes financeiros, deve ser conhecida e ponderada, pelas garantias que oferece de mais profundo estudo e veracidade que qualquer outra.

A baixa do marco depende de causas economicas e psicologicas. O mundo julga que a Alemanha não poderá pagar as somas enormes que lhe são reclamadas. Para poder pagar, ela teria de exportar numa proporção gigantesca. E' de aí que provém a baixa do seu cambio.

O marco papel representa 4 0|0 do marco ouro. Para pagar 3 biliões de marcos ouro por ano, seria necessario que ela exportasse 75 biliões de marcos ouro por ano. E conseguirá isto tanto menos, quanto é certo que ninguem quere receber as suas mercadorias. Toda a gente se aterra com a idéa de vir a Alemanha pagar em generos. A França, primeiro que todas, quere evitar isto. O estrangeiro não está disposto a permitir uma tão grande concorrencia ao seu comercio e industria, só para que a Alemanha pague á França.

Isto é um circulo vicioso: quanto mais baixa o marco, maior é o receio da concorrencia alemã, mas quanto mais baixa o marco, maior é a necessidade que a Alemanha tem de exportar. Nesta ordem de idéas não há solução possivel.

Imaginou-se em França que a Alemanha poderia pagar 60 biliões de marcos ouro. Não o pode agora. Nem mais tarde o poderá melhor. No mundo não há ouro suficiente para isso. Só pode pagar com as mercadorias que exportar.

Para que a Alemanha pague só há o meio de que começou agora a servir-se Loucheur: fazer substituir pela Alemanha o que destruiu. Empregado este meio, logo a seguir á guerra, a Alemanha teria podido pagar pelo menos á França. Não quizeram aceitar essa eventualidade por varias razões, e deixaram passar dois anos. O projecto Loucheur Rathenau permite um pagamento de 7 biliões. A divida é de 60 a 70; portanto, este projecto, só, não basta.

Posto este meio de parte por insuficiente, e só resta um outro, para melhor a finança mundial, que seria de ser posto em pratica pela França, Inglaterra e Estados Unidos, porquanto não é justo que só a França lhe sofresse todo o peso. Este meio é o exposto por Cassel num artigo do *Manchester Guardian:*

A Gran-Bretanha deveria trocar os seus creditos sobre os aliados por bones subscritos pela Alemanha e anulá-los. Os Estados Unidos poderiam fazer o mesmo numa escala muito mais larga.

Uma politica desta natureza, não hesito em dizê-lo, redondaria a favor destas duas grandes nações comerciais. Mas este acto exigiria uma certa magnanimidade que só pode ser espontanea e sobre a qual não pode insistir um estrangeiro.

No dizer de Charles Gide, é este o unico meio de melhorar rapida e verdadeiramente a situação economica mnndial. Não crêr que no empobrecimento rapido da Alemanha haja especulação.

A baixa do marco, no fim de contas, é prejudicial aos comercianfes.

Mas o que é verdade é que a Alemanha poderia fazer mais economias e tornar os seus impostos mais pesados.

Nós em França, 40 milhões de habitantes; pagamos 8 biliões de francos ouro, ao passo que a Alemanha com 60 milhões, paga apenas 6 biliões de francos ouro (60 biliões de marcos ao cambio actual). O Reich, isto é verdadeiro, não se impõe sacrificios fiscais suficientes.

De resto, mesmo que o marco venha a subir, é preciso que todos compreendam que é preciso gastar menos e frabalhar mais; isto aplica-se a todos: vencedores e vencidos.

DA HUNGRIA

FAR-SE-HA A ALIANÇA ROMENO-HUNGARA OU UMA UNIÃO DA BAVIERA, AUSTRIA E HUNGRIA?

Devido á deoosição dos Habsburgos as conspirações monarquicas têm aumentado na capital da Hungria

BUDAPESTH, 12 — Após a deposição de Carlos de Habsburgo as conspirações dos monarquicos têm-se intensificado. Surge, porém, uma divergencia de ideias na realisação de monarquia que divide os monarquicos em dois campos. A nobreza da Transsylvania, quo possue vastos dominios nos territorios actualmente pertencentes á Romenia é partidaria da união da Hungria com a Romenia sob o sceptro de Fernando da Bulgaria. Parece que esta é tambem a tendencia do actual governo hungaro, que se diz ser secundada pela Italia, que deseja ver uma forte aliança romeno-hungara contra o poder sempre crescente dos slavos. O outro grupo que tambem tem o apoio de alguns membros do actual governo é o dos partidarios da união da Baviera, Austria e Hungria sob a corôa de Ruprecht da Baviera.

O governo tcheco-slovaco tomou conta das propriedades da casa dos Habsburgos

PRAGA, 12.

São destituidas de fundamento as noticias publicadas pela imprensa americana de que as propriedades da casa dos Habsburgos na Tcheco Slovaquia serão vendidas a um «consortium» americano. O governo da Tcheco Slovaquia tomou já posse destes dominios nos termos do Tratado de Paz e da lei de expropriação votada pela Dieta Tcheco Slovaca. Não é, portanto, crivel que qualquer intervenção diplomatica possa de futuro modificar esta situação.—(U. P.).

Eden Teatro
Empresa Henrique Barreiros, Limitada
Companhia Nascimento Fernandes
2 Sessões--ás 8,30 e 10,30
PAU DE DOIS BICOS
A revista triunfante
SEGUNDA-FEIRA:
Espectaculo a favor dos artistas e demais empregados prejudicados no incendio do Gimnasio.

COLISEU DOS RECREIOS
TELEF. C. 4196
Hoje-ás 20,45 (8 3|4)-Hoje
O espectaculo mais variado e mais barato de Lisboa.
ESTREIA
dos celebres clowns musicais
IRMÃOS PLATTIER
Amanhã
GRANDIOSA MATINÉE
ás 14 horas
Todas as Noites GRANDES NOVIDADES
Bilhetes á venda

Banco Nacional Agricola
S. A. R. L.
Séde: Rua de S. Julião, 188 a 190
LISBOA
Convidam-se os Srs. Accionistas que não satisfizeram o pagamento da 2.ª prestação de 25$00 por acção até 31 de Outubro p. p. a efectua-lo com os juros de demora de 6 % ao ano nos termos do art. 12.º dos Estatutos, até 31 de Dezembro p. f.
Pelo Banco Nacional Agricola
A Direcção.

POLITEAMA
Telef. C. 1028 A's 21,30
Empreza LUIZ PEREIRA
Companhia LUCILIA SIMÕES
sob a direcção de LUCINDA SIMÕES.
Ultimas representações
SOL D'ALDEIA
5.ª feira, 17 — 3.ª recita de assinatura — 1.ª representação da peça de OSCAR WILDE, UMA MULHER SEM IMPORTANCIA, para reaparição de
LUCILIA SIMÕES
Orquestra Sinfonica de Lisboa
1.º concerto de assinatura, sob a regencia do MAESTRO FÃO, ámanhã. Programa magistral. Bilhetes á venda.

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Emilia Teles da Gama, D. Inês Maria Van-Zeler Pereira Cabral, D. Maria Antonia Leite de Castro, D. Adelaide de Mendonça, D. Maria Ana de Melo (S. Lourenço), D. Maria da Conceição Burnay de Melo Breyner (Mafra), D. Maria Almeirim Costa e D. Cristina Maria Gonçalves.

E os srs.:

Conde de Sabugosa, dr. José Taveira de Carvalho, dr. Carlos Champalimaud, José do Espirito Santo Silva, Ernani Carlos Pereira Pinto de Lemos (Devesas) e Roberto Van-Zeler Guedes.

Casamentos

Em Castelo Branco realizou-se no dia 2 do corrente, em casa dos pais da noiva, o casamento da sra. D. Maria Rosalina Barbosa Marçal, gentil filha da sra. D. Albina de Sousa Barbosa Marçal e do sr. Possidonio José Marçal Grilo, filho da sra. D. Alexandrinha Vitoria da Silva Marçal Grilo e do sr. José Antonio Grilo, já falecido.

Celebrou o acto sua excelencia reverendissima o sr. arcebispo de Evora, amigo intimo da familia da noiva, que no fim da missa fez uma brilhante e comovente alocução. Sua santidade o papa Bento XV enviou aos noivos a sua benção.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. José Antonio Marçal Grilo.

Findo o acto religioso, que revestiu um caracter muito intimo, foi servido na sala de jantar um finissimo «lunch». Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Pontos de reunião

No Chiado Terrasse

A noite de ontem neste elegante teatro, onde se representou em «reprise» a finissima peça «A Migalha», excedeu toda a nossa espectativa. A linda sala de pequena «boite» apresentava um aspecto verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade que ai deram «rendez-vous». Este teatro será dentro de algum tempo o preferido pela nossa aristocracia para os seus pontos de reunião, disso estamos certos.

Povoando a sala recorda-nos ter visto entre outras as senhoras:

Viscondessas de Maiorca e de Alvelos, D. Maria Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela) e filha D. Maria do Rosario, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filha D. Maud, D. Halia Correia Leite, D. Angela de Castro e Fontes, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Rosa Barroso de Morais, D. Margarida Bon de Sousa Roxo da Mota Marques, D. Izaura Roquete, madame Neves Ferreira, D. Maria Neves Ferreira Lobo de Campos, D. Julieta Maury da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), madame Costa Pereira, D. Felicidade da Costa Pereira de Carvalho, D. Maria Margarida Pocariça da Costa Freire, D. Branca Bon de Sousa Roxo, D. Emilia e D. Alda Correia Leite, D. Lucia Marques de Almeida, madame Cunha, D. Alice Lobo de Miranda Trigueiros, D. Ester de Castro, mademoiselle Sousa e Silva, etc., etc.

Assistiram tambem ao espectaculo ao actrizes D. Angela Pinto e D. Tereza Taveira.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde no primeiro concerto sinfonico da orquestra portuguesa sob a regencia do maestro Fernandes Fão, que se efectua no elegante teatro Politeama, e para o qual o distinto maestro organizou um esplendido programa.

Em viagem

Da sua quinta do Noval, perto de Guimarães, regressou a Lisboa a sr.ª D. Maria da Natividade Meireles de Campos Henriques, esposa do sr. Artur Alberto de Campos Henriques.

—Do Monte Estoril regressou á sua casa na estrada de Bemfica, com sua esposa, sr.ª D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e suas gentis filhas e filhos, o sr. dr. Amadeu de Mesquita.

—Dentro de alguns dias devem regressar da sua casa na Ericeira á de Lisboa o sr. dr. João Enes Ulrich e sua esposa sr.ª D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich.

—A sua casa no Porto regressaram de Paçô Vieira os srs. condes de Paçô Vieira.

—Para o estrangeiro partiu, com sua esposa, sr.ª D. Helena Garcez Ferreira Pinto Basto, o sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto.

—Acompanhado de sua esposa. sr.ª D. Maria de Lourdes de Vasconcelos Sousa Perestrelo de Vasconcelos, regressou de Cascais o sr. José Bartolomeu Davidson Perestrelo de Vasconcelos.

—Com sua esposa, deve regressar brevemente do Monte Estoril o sr. Joaquim da Silva Leitão.

—Da mesma praia deve regressar tambem, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Adelaide da Silva Leitão Pereira da Cruz, o sr. José Pereira da Cruz.

—Com sua esposa, a senhora D. Margarida de Matos Ferreira de Castro e suas gentis filhas D. Alda, D. Maria Madalena e D. Maria Izabel, regressou do Porto á sua casa em Lisboa o general sr. Luiz Augusto Ferreira de Castro.

—De Africa regressou a Lisboa, encontrando-se hospede de seus sogros, acompanhado de sua esposa a senhora D. Alice de Matos Ferreira de Castro de Carvalho e de seus gentis filhinhos, o sr. Ventura de Carvalho (Santa Maria).

—Regressou de Sintra, com sua esposa a senhora D. Laura Serodio de Melo e Castro e gentis filhinhos, o sr. D. Pedro Maria de Melo e Castro (Galveias).

—Para o Porto partiu ontem o distinto engenheiro sr. conde de Castelo Mendo.

O FIM DA GUERRA

FOI ONTEM CONFIRMADA A PAZ ENTRE A ALEMANHA E OS ESTADOS-UNIDOS

A CERIMONIA DUROU APENAS QUATRO MINUTOS E HOUVE PROMETIMENTOS DE UMA PAZ DURADOURA...

BERLIM, 12.—Emfim, depois de três anos de armisticio a Alemanha e os Estados Unidos concluiram a paz.

A's 6,30 horas da tarde, numa ampla sala, belamente decorada de varias pinturas, no ministerio dos negocios estrangeiros, da Wilhelmstrasse, o chanceler Wirth, que tambem sobraça a pasta dos negocios estrangeiros, e o sr. Ellis Loring Dresel, representando a America, entregaram reciprocamente o Tratado da Paz e Ratificações da maneira mais singela. Assistiram alguns oficiais de ambos os países.

A demora havida na confirmação da paz, foi tão prolongada, que tinha corrido o boato de que os documentos se haviam perdido. Estes documentos, entretanto, vieram pelo correio em vez de virem pelo Cabo e por motivo de ulteriores discussões sobre o assunto, no Congresso de Washington, tinham-se conservado ocultos aos meios oficiais alemães.

Os documentos assinados foram entregues ao Reichstag para ratificação e uma das copias será transmitida a Washington. O representante da «Chicago Tribune» foi o unico jornalista que assistiu ao acto da troca dos documentos.

Entrou primeiro no ministerio dos negocios estrangeiros o comissario americano, que foi recebido pelo sr. von Maniel e, depois de cinco minutos, chegaram o dr. Wirth e os signatarios alemães. O comissario Dresel apresentou primeiro os documentos e fez uma breve alocução, em que expressou a sua felicidade por entregar as ratificações e disse que esperava que aquela paz fôsse duradoura. O chanceler Wirth respondeu da mesma forma, com o rosto radiante de satisfação. A cerimonia durou só quatro minutos, de que o enviado da America pediu desculpa.

Por especulação cambial?

O que nos diz o nosso informador do governo civil

Todos os jornais noticiaram ter sido preso á ordem do sr. ministro das finanças um individuo acusado de andar a vender clandestinamente cambiais, tendo recolhido aos calabouços particulares.

Alguns dos nossos colegas disseram até que o individuo preso era o conhecido corretor sr. Antonio Soares Franco.

Podemos afirmar que no governo civil não se encontra nenhum preso sob tal acusação e que o sr. Soares Franco nada tem com o caso. De facto o sr. ministro das finanças oficiou para o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, pedindo a detenção dum individuo chegado do norte, acusado do delito acima apontado e que se achava hospedado num hotel da baixa. Sendo ali procurado por um agente de policia, não foi encontrado, andando varios agentes em sua procura.

Tentativa de suicidio

Tentou suicidar-se esta manhã dando um um tiro no peito, o 3.º oficial do ministerio das colonias, sr. Artur de Sousa, residente em Cacilhas.

Recolheu em estado grave á enfermaria de S. Francisco do hospital S. José.

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Está ámanhã aberto ao público e domingos seguintes, das 14 ás 17 horas, o «Museu Rafael Bordalo Pinheiro», ao Campo Grande, 382 (lado oriental) fundado pelo admirador do grande artista sr. Cruz Magalhães, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

O cambio no Brasil

RIO DE JANEIRO, 11—Cotação do café: Cambio s|Londres, 7 3|4, 7 15|16; valor do escudo português, 720 e 850 réis.

Exposição d'arte catalã

Os delegados catalães partiram hoje para Barcelona

No rapido de Madrid, partiram hoje para Barcelona os delegados catalães que vieram a Lisboa por motivo da exposição de arte catalã, que continua aberta ao publico, até ao fim do mês, no palacio da rua Barata Salgueiro.

O primeiro a chegar á estação é o sr. Camps Margarit, enviado especial de *El Diluvio*. Vêm depois M. Ribet, o chefe de cerimonias; dr. Nicolau d'Olwer, Feliu Elias, Marius Aguilar, Josep Pla e por fim Joan Estelrich, que por dois minutos deixou de perder o comboio.

Na estação do Rocio estiveram a despedir-se dos ilustres visitantes os srs. dr. João de Barros, que representava o director geral de Belas Artes; escultor Francisco Santos, Mario Roura, presidente do Centro Espanhol; Humberto Pelagio, representantes da camara municipal; Alexandre Ferreira, artistas e jornalistas.

A despedida foi muito afectuosa, tendo-se levantado vivas a Portugal e a Catalunha, á partida do comboio. Os nossos hospedes retiram-se penhoradissimos pelas provas de amizade e hospitalidade que receberam dos portugueses.

BAIRROS SOCIAIS

Um plano de obras e o pagamento das férias

A comissão administrativa dos bairros sociais apresentou ao sr. ministro interino do trabalho um plano de obras a executar ali e tratou com o sr. Peres Trancoso do levantamento de dinheiro para pagamento das férias aos operarios.

O aniversario do armisticio

Como o festejou a colonia belga em Lisboa

A colonia belga em Lisboa festejou ontem com um banquete no Café Montanha o terceiro aniversario do armisticio. Decorreu entusiastica a interessantissima festa a que concorreram as mais distintas familias belgas residentes na capital. Foi enviado um telegrama ao rei Alberto, saudando-o pela data gloriosa que passava.

M. le Goullon pronunciou uma patriotica alocução á qual respondeu em termos calorosos madame Jeanne Rolin. O sr. ministro da Belgica, impossibilitado de comparecer ao banquete, enviou uma carta que foi lida por M. le Goullon.

Portugal não foi esquecido nas homenagens que a colonia prestou a todos os aliados. Madame Wuillaume cantou um lindo fado, que foi vibrantemente aplaudido.

A BURLA DOS 480 CONTOS

As diligencias da policia para fazer luz completa sobre o caso

Continuam com grande actividade as diligencias policiais ácerca da tentativa de burla dos 480 contos de réis e de assassinio de que ia sendo vitima o tenente sr. Teixeira.

Voltou novamente ao governo civil, a prestar declarações ao chefe Alfredo Maria, o tio daquele oficial, chegado ha dias da ilha da Madeira. Afirma que seu sobrinho é incapaz de se meter em negocios escuros.

Tambem não é verdade, conforme noticia um nosso colega da manhã, que um dos directores e o caixa do Banco do Minho fizessem na policia uma acusação cerrada contra o tenente sr. Teixeira. Afirmaram, pelo contrario, que aquele senhor é homem honesto e considerado oficial da armada.

NACIONAL Telefone C. 2049

HOJE e sempre com grande agrado do publico, a linda peça

AMOR DE PERDIÇÃO

ÁMANHÃ

D. Afonso VI

Segunda-feira

Beneficio dos artistas e mais empregados prejudicados com o incendio do Ginasio.

TEATRO SALÃO FOZ

Empreza Artur Emauz

Companhia OTELO DE CARVALHO

de que fazem parte Antonio Gomes (da Trindade), Laura Costa e Julia d'Assunção

A maior atracção da actualidade

A graciosa e deslumbrante revista

BICHINHA GATA...

A mais querida, a mais popular, a mais aplaudida

Duas sessões — Todas as noites

ás 8,30 e ás 10,30

Segunda-feira

Espectaculo em beneficio dos artistas e mais empregados prejudicados com o incendio do Gimnasio.

Antiga Casa José Alexandre, L.da

Rua Garrett, 8 a 18--LISBOA--Telef. 699-C.

O mais vasto e completo sortido de artigos de ménage, porcelanas, porcelana de Limoges, para ir ao forno, "bibelots" filtros Mallié para agua, Cristofle, artigos de metal, etc.

ESPECIALIDADE DA NOSSA CASA:

Sabonetes ALEXANDRE

PARA BANHO A 80 CENTAVOS

Maquinas para café e rechauds de viagem em todos os tamanhos e modelos

TALHERES DE TODAS AS QUALIDADES

A todos os nossos clientes da Provincia e Ilhas que se nos dirijam daremos gostosamente informes gratis, com a maior urgencia